

Para formar uma família

Quem se torna mãe encara julgamentos pelas mais diferentes decisões. Assim como o tipo de parto e a vida pessoal fora do papel materno, a idade considerada “certa” para ter filhos é alvo constante de palpites e críticas — como vimos, é normal a sensação de que ou se está adiantada ou atrasada.

Do ponto de vista da ciência, a fertilidade feminina natural, de fato, passa a oscilar a partir dos 35 anos. Mas, tendo em vista os avanços na medicina e as mudanças sociais de maior participação das mulheres na educação e no mercado de trabalho, com ideais de independência diferentes de décadas atrás, tem muita gente engravidando depois disso.

Uma pesquisa da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade) mostra que a proporção de mães com menos de 20 anos caiu pela metade de 2000 para 2019. O número de mulheres que tiveram filhos na faixa dos 30 a 39 anos, porém, passou de 26% para 39,1% no mesmo período.

A ginecologista Lorrainy Rabelo observa as gestações ocorrendo cada vez mais tarde. A médica explica que, atualmente, existem tratamentos para reprodução até os 50 anos, o que alarga a janela de oportunidade, mas é imprescindível ter um bom planejamento. “Uma das opções é congelar os óvulos e ir se preparando metabolicamente e cuidando da saúde até o momento da gravidez, para reduzir os riscos para mãe e bebê, riscos que, sim, existem”, esclarece.

A carreira, as viagens e a construção de um casamento sólido fizeram Fabiana Mel Oliveira adiar a maternidade por um tempo. E, para ela, tudo bem. Aos 37, está grávida da primeira filha, Bella. “Há quem pense que é uma idade avançada para engravidar. Quando Bella completar seis meses, eu terei 38 anos. Ela com dois anos, eu terei feito 40. Mas sinto que, agora, estou madura e pronta para levar esse projeto de vida à frente”, conta.

Assim que se formou, aos 21 anos, Fabiana saiu de Minas Gerais rumo à Irlanda, onde fez uma pós-graduação na área de relações públicas. Lá, iniciou uma jornada de anos trabalhando em uma rede de hotelaria internacional. Durante esse período, morou também na França e nos Estados Unidos e viajou muito. Até então, o sentimento em relação à maternidade era de que ainda estava cedo. Ela queria conhecer muitos lugares, se estabilizar e, mais importante, crescer emocionalmente.

Arquivo pessoal



Aos 37 anos, Fabiana está grávida da primeira filha: seguindo o próprio ritmo

Focada no desempenho profissional, ser mãe após os 35 foi algo natural. “Precisei me virar sozinha, no exterior, ainda muito nova, o que me fez despertar em vários sentidos. Acho que segui os passos da minha mãe, que tinha uma veia muito voltada para o estudo, e não me rendi às pressões externas — essa coisa do que seria o momento natural e ideal de gestar, aos olhos da sociedade.”

Há sete anos, ela perdeu o irmão e retornou ao Brasil para prestar apoio à mãe nesse momento difícil. Foi quando considerou possibilidade de mudar de ares, se ambientar e se firmar em solo brasileiro, mais uma vez. Passou em um concurso da Força Aérea Brasileira — se não desse certo, os planos eram voltar para a Europa — e se mudou em definitivo para Brasília. Desde então, Fabiana é uma dedicada tenente da aeronáutica, trabalhando na área de relações internacionais da instituição.

Foi nesse processo que conheceu o marido, Paulo César Oliveira. Os dois se casaram quando ela tinha 30 anos, mas, ao contrário do que muitos recém-casados fazem, decidiram esperar para ter um novo integrante na família. Foi aos 35, pensando no relógio biológico, que o planejamento começou. Fabiana chegou a perder um bebê — prova de que nem tudo pode ser controlado —, mas, seis meses depois, engravidou de novo. Ela e Bella seguem saudáveis, com uma rotina de idas regulares ao médico.

ESTILO NÃO TEM IDADE

Um dos aspectos que mais mexe com a autoestima e a autoimagem das mulheres é o cabelo, e os fios ainda são alvo de muita crítica no que diz respeito à idade. São muitas as regras que não estão escritas em lugar algum, mas que ainda prendem clientes e profissionais.

Cabelos longos são apenas para as mais novas, as “senhoras” devem se render à tesoura e manter um visual tradicional. As franjas são apenas para crianças ou, no máximo, para as mulheres mais jovens, na casa dos 20. A cor é um caso à parte, deixar os fios brancos é desleixo, mas se uma mulher de 60 decide pintar os fios de rosa, ela está louca.

O cabeleireiro e especialista em colorimetria Rangel Portela comenta que está acostumado a trabalhar desde os estilos mais tradicionais até os mais modernos e “diferentões”. A clientela variada permite que ele perceba algumas das mudanças nos padrões de comportamento.

Há alguns anos, as cores mais intensas e diferentes das naturais nos fios eram populares somente entre as adolescentes, mas o padrão mudou ao longo dos últimos anos. Ele comenta que a clientela mais madura, e até com profissões mais formais, tem se libertado. “Muitas escolhem esses estilos para realizar sonhos antigos e até mesmo para que a aparência reflita como elas se sentem, jovens e com vontade de viver.”

Rangel acredita que as franjas e os cabelos longos já ultrapassaram uma barreira, há algum tempo se tornaram mais comuns em mulheres de todas as idades. Ele observa que isso se deu justamente pelo movimento visto hoje com as cores e os cortes assimétricos, mulheres que se permitem a usar o que gostam, mesmo que enfrentem críticas e julgamentos.

Por esse motivo, ele sempre busca encorajar as clientes, principalmente quando percebe que existe o desejo, mas falta um pouquinho de coragem. “O cabelo é uma forma de expressão e não devemos associar estilo com idade! Todos merecem e devem ter os cabelos dos sonhos transformado em realidade, e eu amo fazer parte disso com as minhas clientes.”